



COOPERAR E COMPETIR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INTERFACES ENTRE JOGOS E RELAÇÕES SOCIAIS

Mariane Alves da Corte Gonçalves

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)

UNESP *Campus* Bauru

mariane.alves@unesp.br

<http://lattes.cnpq.br/9397903196700616>

<https://orcid.org/0009-0002-7743-4870>

Catia Silvana da Costa

Docente credenciada no ProEF da UNESP *Campus* Bauru

<http://lattes.cnpq.br/3857947314718836>

<https://orcid.org/0000-0003-4217-6429>

catia.costa@unesp.br

Introdução

O ensino da Educação Física (EF) na escola passou por diferentes transformações ao longo de sua trajetória histórica. Conforme Betti e Zuliani (2002), desde a década de 1920 essa disciplina era tratada como uma atividade complementar, desvinculada de um currículo estruturado. Nesse período, seus objetivos variavam de acordo com as demandas sociais da época, assumindo finalidades como a promoção da higiene, o preparo pré-militar, a formação esportiva e outras funções atribuídas pelo contexto histórico vigente.

Segundo Darido (2003), em contraposição à abordagem de caráter biologicista, tecnicista e esportivista, emergem, sobretudo a partir do final da década de 1970, novos movimentos na Educação Física Escolar (EFE). Essas mudanças foram influenciadas pelo contexto histórico e social vivido no país naquele período, refletindo transformações tanto na Educação em geral quanto na EF. Mesmo com as mudanças nos objetivos e nas propostas educacionais, as diferentes tendências da EF ainda influenciam a formação e atuação profissional dos/as professores/as.

Diante desse cenário, Betti e Zuliani (2002) afirmaram que a concepção da EFE vinha sendo repensada, passando a ter como foco a responsabilidade de formar um/a cidadão/ã crítico/a capaz de se posicionar diante das novas formas da cultura corporal de movimento. Isso significa trabalhar com diferentes experiências, como jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginásticas, inserindo os/as estudantes nesses conhecimentos, para que possam vivenciá-los, reproduzi-los, criar novas formas e transformá-las, sempre em favor da sua





qualidade de vida.

Segundo Bracht (2010, p. 3), “passa-se agora a entender a função da disciplina Educação Física como a de introduzir os alunos no universo da cultura corporal de movimento, ou seja, propiciar a construção, pelo aluno, de um amplo acervo cultural”. Ou seja, trata-se de ampliar a dimensão da cultura corporal de movimento dos/as estudantes, assumindo um papel fundamental em suas vidas.

A EF, de acordo com Betti e Zuliani (2002), deve levar o/a aluno/a a descobrir os sentidos e motivos das práticas corporais, com isso poderá favorecer o desenvolvimento de atitudes aliadas ao seu conhecimento relacionadas à cultura corporal de movimento. Portanto, trata-se de um processo que acontece em fases, cada uma com objetivos específicos, sempre respeitando o nível de desenvolvimento e as características dos/as alunos/as.

Ainda segundo Betti e Zuliani (2002), a EF, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e, sobretudo, socioemocionais. Para isso, o movimento do corpo é fundamental, dando prioridade às habilidades motoras básicas por meio de jogos, brincadeiras e outras atividades. Nesse sentido, ressaltam que “[...] a atividade corporal é um elemento fundamental da vida infantil, e que uma adequada e diversificada estimulação psicomotora guarda estreitas relações com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança” (Betti; Zuliani, 2002, p. 76).

Diante disso, Vago (2009) menciona que existe uma maneira ampla de pensar a EFE, sendo uma prática cultural inserida no contexto escolar, considerando os sujeitos, professores/as e estudantes como participantes ativos/as nesse processo fundamentado em um entendimento de EF como parte de um projeto de formação cultural da infância e da juventude na Educação Básica. O autor entende a escola como um lugar de culturas, das culturas e um lugar entre culturas, onde as pessoas adultas, os/as jovens, os/as adolescentes e as crianças são protagonistas e produtores/as de culturas. E, também, conhecem, fruem e usufruem as diversas culturas produzidas pelos humanos, o que se vincula aos saberes das culturas dispostas nas práticas corporais.

Esse entendimento de EF de Vago (2009) exige, portanto, que o/a professor/a, ao ensinar a diversidade cultural de práticas corporais nas aulas, esteja atento/a para problematizar os valores impregnados e as questões éticas envolvidas. E que, os/as estudantes, ao realizarem essas práticas possam compreendê-las, criticá-las e trazer novos





significados, principalmente voltados para a igualdade de oportunidades, o respeito, a troca solidária, a cooperação e a partilha de afetos.

Entretanto, os conteúdos trabalhados nas aulas de EF, segundo Silva, Dagostin e Nunez (2009) e Silva (2013) ainda são, em sua maioria, os esportes tradicionais de quadra. Os autores ressaltam que a prática pedagógica do/a professor/a não deve se limitar a esses conteúdos, assim como Betti e Zuliani (2002) reforçam a importância da estimulação adequada e diversificada de atividades.

Nesse sentido, Vago (2009) afirma que a predominância dos esportes ensinados na escola ocasiona um “analfabetismo” em outras práticas culturais, como jogos populares, danças, ginástica, capoeira, entre outras. Existe, portanto, o desafio de superar essa cultura de ensino voltada exclusivamente aos esportes. Para o autor, não se trata de não trabalhar com essa temática, mas também conhecer as práticas e problematizar sua presença na cultura das aulas da EF.

É fundamental, de acordo com Vago (2009), realizar essa temática sem estar aprisionado a critérios de seleção, exclusão, performance, rendimento, vitória, o que não se restringe aos esportes, incluindo as danças, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras, a capoeira. O desafio de aprender as práticas corporais seria “[...] inventar na escola outros modos de praticar todas elas, imprimindo um caráter lúdico e solidário a elas (especialmente quando tudo parece nos empurrar para a formalidade das práticas, a sisudez e a competição)” (Vago, 2009, p. 39).

Além de reduzir as possibilidades de diferentes práticas corporais, os esportes tradicionais, dependendo da forma como são conduzidos, podem transmitir valores do sistema capitalista, reforçando a competição desigual, enfatizando a divisão entre melhores e piores, e valorizando mais o ter do que o ser. Dessa forma, Silva, Dagostin e Nunez (2009) citam que podem surgir atitudes negativas, como comentários desagradáveis, gozações, humilhações e agressões, decorrentes de um padrão estereotipado da prática esportiva. É importante que os/as professores/as estejam atentos/as a essas atitudes para que possam enxergar e refletir sobre os valores estão sendo trabalhados em aulas.

Nos últimos anos, Lovisolo, Borges e Muniz (2013) informaram o surgimento de muitas propostas na EF, cujo objetivo principal consistiu em transformar a sociedade por meio da mudança das crianças e dos/as adolescentes, seja no contexto escolar ou em outros projetos alternativos.





Diante desse contexto, Santos (2017) retrata que os jogos competitivos e cooperativos tornam-se um campo de estudo que requer atenção, uma vez que estes jogos possuem potencial de transformações nas relações sociais, de respeito e entendimento das diferenças, contribuindo para uma possível mudança da sociedade em que vivemos. O autor acrescenta que os jogos, sendo cooperativos ou competitivos, possuem características educativas e podem ser trabalhados juntos, com a finalidade de potencializar o processo de ensino-aprendizagem dos/as estudantes.

Segundo Lovisolo, Borges e Muniz (2013), é importante encontrar um equilíbrio entre competição e cooperação para que brincadeiras e jogos ajudem no aprendizado e promovam uma convivência social saudável. Não é escolher um jeito ou outro, mas sim pensar em como usar os dois de forma adequada em uma proposta de ensino.

Assim, o debate não está, conforme Santos (2017), centrado em opor competição à cooperação, mas em como o uso consciente e equilibrado dessas práticas pode contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes. Dessa forma, o jogo, então, se configura como instrumento de aprendizagem na perspectiva cultural, social e cognitiva.

Desenvolvimento

A metodologia adotada neste estudo se orienta pelo referencial teórico da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2007, p. 21) “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, sendo entendido como parte da realidade social. Dessa forma, o universo das relações humanas, das representações e da intencionalidade é o objeto da pesquisa qualitativa que não deve ser quantificado, uma vez que essa abordagem se aprofunda no mundo dos significados.

Logo, o universo da pesquisa está voltado para escola sede da professora-pesquisadora localizada no litoral do estado de São Paulo e atende a uma clientela diversificada, composta por diferentes contextos sociais. Possui boa estrutura, preservada e organizada em dois andares, contando com 13 salas de aulas, biblioteca, sala de informática, sala dos/as professores/as, secretaria, direção, banheiros e refeitório. O pátio apresenta duas amarelinhas pintadas no chão, elaboradas pelos/as antigos/as professores/as de EF da unidade escolar. No que se refere à infraestrutura para a disciplina de EF, a escola sede não possui quadra e, por essa razão, utiliza em parceria uma quadra ampla da escola ao lado, coberta na parte superior



e gradeada nas laterais.

A escola onde a intervenção será realizada conta com um elevador, porém com mau funcionamento, dificultando o acesso dos/as alunos/as com deficiências físicas à quadra. Nas duas escolas existem uma sala destinada à acomodação dos materiais da EF com variedade de materiais disponíveis, sendo: bola de basquete, futsal, vôlei, handebol, bolas de iniciação esportiva, rede de vôlei, traves de futsal, cestas de basquete, bambolês, cordas, cones, bolas de pilates, colchonetes, tatames, jogos de xadrez, dama, medicine ball etc.

Este estudo abrangerá estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente uma turma do 2.º ano, com idades entre sete e oito anos, da escola-sede da professora-pesquisadora. A escolha da escola baseou-se no fato de ela trabalhar com mais turmas do 2.º ano na unidade escolar, e a seleção da turma foi feita por preferência da professora-pesquisadora.

Todos os procedimentos serão submetidos à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP *Campus* Bauru. A participação dos/as estudantes será voluntária e condicionada à autorização dos pais ou responsáveis legais, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também será respeitado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), quando aplicável, garantindo que as crianças compreendam, de forma acessível, os objetivos da pesquisa.

A pesquisa será conduzida na rotina escolar, sem prejuízo das atividades pedagógicas, preservando a integridade física, emocional e moral dos/as participantes. Não haverá exposição de nomes ou imagens, sendo os dados coletados tratados com sigilo e anonimato, utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Por fim, o recurso educacional será uma história em quadrinho digital sobre a importância dos jogos cooperativos e competitivos, promovendo valores como respeito, empatia, trabalho em equipe e convivência saudável. Farão parte da história atividades práticas que os/as alunos/as podem realizar em aula com a mediação do/a professor/a.

Referências bibliográficas

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s.l.], São Paulo, SP, v. 1, n.º 1, 2002.





DARIDO, Suraya C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2003.

BRACHT, Valter. A educação física no ensino fundamental. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte, MG, nov. 2010.

MINAYO, Maria C. S. (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Junior V. P.; DAGOSTIN, Kelly U. D.; NUNEZ, Paulo R. M. Educação Física e conteúdos trabalhados nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, SP, v. 15, n.º 3, p. 592-599, jul./set. 2009.

SILVA, Junior V. P. Prática pedagógica em Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Pensar a Prática**, Goiânia, GO, v. 16, n.º 1, p. 73-87, 2013.

VAGO, Tarcísio M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, [s.l.], p. 25-42, set. 2009.

Área temática: Abordagens metodológicas e processos de ensino e aprendizagem

